

“A Internet e seus perigos”: Individualismo, Missão e Poder entre as Testemunhas de Jeová.

Suzana Ramos Coutinho Bornholdt*

Resumo:

A prática missionária das Testemunhas de Jeová é resultado de uma série de ações que as encaminham ao proselitismo. O principal modo de comunicação para o seu contato com o mundo, dado através do diálogo pessoal e da distribuição de suas publicações escritas, destaca o fato de não utilizarem a Internet enquanto espaço proselitista, em contraste com diversos outros grupos religiosos. Este artigo visa discutir os diferentes elementos utilizados pelo grupo em sua prática missionária levando em consideração que sua ação proselitista e de comunicação é elaborado sob padrões diferenciados daqueles da comunicação no mundo atual.

Palavras-Chave: Testemunhas de Jeová, Comunicação, Missão.

Abstract:

The missionary practice of Jehovah's Witnesses is the result of a diligent and proselytist work. The main way they access the public, given through the personal dialogue and the distribution of brochures and leaflets, points out the fact they do not use the Internet as a possible way of proselytism. This article aims to discuss the different elements used by the group to accomplish the missionary goal and takes into account the fact that their proselytist practice is elaborated based on a different pattern of communication.

Keywords: Jehovah's Witnesses, Communication, Mission.

*Mestre em Antropologia Social (UFSC/Brasil) e estudante de Ph.D. (*Religious Studies Department*) pela *Lancaster University*, Inglaterra. sucoutinho@gmail.com

1. Introdução

As Testemunhas de Jeová são um grupo religioso que, em um contexto de acelerado avanço tecnológico e comunicacional, permanecem quase “invisíveis” no que diz respeito ao espaço midiático. Não possuem atualmente programas em rádios nem em televisão, não se associam com outros grupos religiosos (tornando a prática ecumênica inviável), e apenas em raros momentos são vistos dando entrevistas ou utilizando algum meio de comunicação para expor sua fé. Por outro lado, utilizam massivamente o meio escrito, com suas publicações *A Sentinela* e *Desperta!*, com tiragem quinzenal de 22 milhões de revistas, e são facilmente reconhecidos quando batem às nossas portas, ainda que identificados no senso comum como participantes de uma “seita”, para nos trazer uma mensagem. Mas afinal, que grupo é este que apesar de não estar na mídia, cresce em média cerca de 7% ao ano? Que grupo é este que conta atualmente no Brasil com mais de 600.000 adeptos e ainda assim investe mais de 107 milhões de horas por ano no trabalho proselitista?

A especificidade deste artigo está calcada na busca de entendimento da prática missionária das Testemunhas de Jeová, considerando que o processo comunicativo do grupo é elaborado sob padrões diferenciados daqueles da comunicação no mundo atual. Enquanto diversas pesquisas vêm revelando que inúmeros grupos religiosos têm utilizado progressivamente diferentes meios de comunicação para o proselitismo (Dornelles 2002, Radde-Antweiler 2008) - e aqui subentende-se a utilização da mídia e da televisão, mas principalmente da Internet -, as Testemunhas de Jeová por sua vez rejeitam o uso desses meios, concentrando seus esforços no testemunho formal através de conversas pessoais.

As Testemunhas de Jeová – sociedade religiosa de caráter milenarista que mais agrega adeptos no mundo contemporâneo – surgiu em 1872 na Pensilvânia (EUA) sob o nome de União Internacional dos Inquiridores da Bíblia. Seu fundador foi Charles Taze Russel (1853-1916), um presbiteriano convertido ao adventismo que passou a reinterpretar os textos bíblicos. Baseado nos livros de Daniel e Apocalipse, Russel fixou o fim do mundo para o ano de 1874 e/ou quando o movimento atingisse 144 mil adeptos. Após sua morte, Russel foi substituído por Joseph Franklin Rutherford (1896-1942), que rebatizou oficialmente a religião como hoje a conhecemos, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, popularmente

identificados como Testemunhas de Jeová. Russel reinterpretou a idéia dos 144 mil eleitos à Doutrina da Grande Multidão, onde estes 144 mil são escolhidos para reinar com Cristo no céu e as demais Testemunhas viverão na Terra sob o domínio de Cristo, como seus súditos.

Uma das características mais marcantes das Testemunhas de Jeová é a importância dada à divulgação, transformando suas publicações e comunicação de textos em aspectos de grande prioridade. Outra característica relevante da atuação deste grupo reside no fato de possuírem uma estrutura altamente centralizada e hierarquizada, “refletindo o controle centralizado de suas atividades e do pensamento de seus membros” (Faillace, 1990:106).

2. Breve história da comunicação das Testemunhas de Jeová

É uma construção das Testemunhas de Jeová a importância do desenvolvimento dos diferentes sistemas de comunicação para sua tarefa proselitista. No período de maior desenvolvimento da Revolução Industrial, embora os benefícios trazidos por este desenvolvimento fossem utilizados para promover objetivos comerciais e políticos, também estavam disponíveis para o campo religioso. Este cenário foi utilizado pelo grupo para o desenvolvimento de uma iniciativa que teria repercussões internacionais. A primeira delas ocorreu no final do século XIX, quando a comunicação telegráfica passou a revolucionar a comunicação mundial. Russel, o fundador do grupo, passou a utilizar os jornais, que eram segundo ele “o grande fator de influência na vida diária do mundo civilizado” (Proclamadores, p. 85). No ano de 1913, calculou-se que através de 2000 jornais, os sermões de Russel alcançavam quinze milhões de leitores entre Estados Unidos, Canadá e Europa.

A segunda empreitada ocorreu em 1912, quando deram início a um projeto chamado “fotodrama da Criação”. O fotodrama era uma combinação de filme fotográfico e slides, sincronizado com gravações musicais e diversos discursos gravados em fonógrafos. Segundo informações do grupo, até o final de 1914 o fotodrama foi apresentado a milhões de pessoas na América do Norte, Europa, Nova Zelândia e Austrália.

A terceira grande estratégia proselitista utilizada pelas Testemunhas de Jeová

ocorreu assim que a radiodifusão comercial foi iniciada. Em 1922 Rutherford (sucessor de Russel, que faleceu em 1916) proferiu seu primeiro discurso pelo rádio, na Califórnia. Dois anos mais tarde, em fevereiro de 1924, a emissora *WBBR*, de propriedade da Torre de Vigia, em Nova Iorque, começou a operar. Com o tempo, o grupo passou a transmitir mundialmente através do rádio programas e discursos bíblicos. Em 1933 "havia 408 emissoras que transmitiam a mensagem do Reino em seis continentes" (Proclamadores, p. 80).

Em 1933, as Testemunhas de Jeová começaram a empregar outro método de pregação. Um fonógrafo transportável, com amplificador e alto-falante, era utilizado para divulgar os discursos de rádio de Rutherford. Eram usados também carros e barcos de som para divulgação. O uso dos fonógrafos levou ainda a outra inovação – a pregação de casa em casa com fonógrafos leves. "Em 1934, a Sociedade passa a produzi-los, assim como uma série de discos de 78 rpm que continham discursos bíblicos de 4 minutos e meio. Com o tempo, foram usadas gravações em disco que abrangiam 92 assuntos diferentes" (Ibid., p. 87). Ao todo, a Sociedade produziu mais de 47 mil fonógrafos. Entretanto, deu-se mais ênfase às apresentações orais da mensagem do Reino, de modo que o serviço com os fonógrafos foi, aos poucos, eliminado. Ao lado desta postura estratégica, as Testemunhas de Jeová passaram a participar de encontros dominicais que visavam o testemunho do grupo através da visitação de casa em casa. Esta prática passou a ser constantemente estimulada pela liderança e reafirmada através de argumentos bíblicos.

Mas se historicamente as Testemunhas de Jeová utilizaram os mais diversos e avançados meios de comunicação no trabalho proselitista, atualmente caminham em um sentido diferenciado do quadro histórico apresentado. Esta diferença reside na priorização da comunicação face a face. Apesar de não ser uma prática nova, considerando que desde 1927 os membros do grupo eram incentivados a gastar uma parte de todos os domingos no testemunho em grupo e indo de casa em casa, atualmente essa prática de comunicação pessoal é fortemente aliada à produção escrita.

Esta diferença de foco pode ser notada no fato de as Testemunhas de Jeová não utilizarem este novo espaço virtual possibilitado pela Internet. Possuem uma página na *Web*, porém orientam os membros do grupo no sentido do máximo de evitação possível, considerando ser um ambiente perigoso para sua moralidade e fé. Em uma de suas publicações, alertam: "É necessária extrema cautela no uso da

Internet (...) É preciso saber que muitos sites na Internet foram criados por pessoas de intenções imorais ou desonestas. E muitos sites que talvez não sejam imorais ou desonestos, como os grupos de bate-papo, são pura perda de tempo. Fique longe de tudo isso!" (Desperta!, 22/01/2000, p. 21).

A comunicação das Testemunhas de Jeová atualmente se dá através da leitura e da fala como método prioritário. A leitura, através de um vastíssimo material de excelente qualidade gráfica, e a fala, através de suas visitas de casa em casa, denominado por eles de "trabalho de campo". A mudança de abordagem se deu por determinação da própria Instituição, que visava um contato mais direto e eficiente dos membros com as pessoas que desejam alcançar.

3. Religião e as novas práticas de comunicação

Em um cenário de constantes e velozes transformações e diante de uma sociedade de massas, grupos religiosos se vêem obrigados a repensar seus princípios e modelos de atuação e para isso, passam a fazer uso dos meios de comunicação de massa. A expansão industrial da década de 1960-1970 consolidou definitivamente esse processo, criando mercados consumidores de bens industriais e culturais, onde os meios de comunicação passaram a assumir a produção de visões de mundo que orientam a sociedade. Ambas as instituições, Igreja e Indústria Cultural, são produtoras de valores mais ou menos hegemônicos, mas se organizam segundo lógicas totalmente distintas. De acordo com Montero (1986), este fato fez com que a mensagem religiosa não se transformasse em "um produto a ser vendido", apesar do fenômeno religioso ter sido considerado por muitos estudiosos com um "bem" vendável no mercado. Segundo Montero (Ibid.), alguns autores "procuram mostrar como as estratégias de conquista de novos convertidos vai progressivamente assumindo a mesma racionalidade do *marketing*, técnica que busca maximizar a eficácia na venda de um produto" (Ibid., p. 68).

Dentro deste contexto, diversos grupos religiosos passam a se utilizar dos meios de comunicação como eficazes instrumentos de conversão e evangelização de fiéis. No Brasil, instituições religiosas passaram a se apropriar deste mercado no final dos anos 70, com o surgimento do que passou a se chamar de fenômeno da "Igreja Eletrônica". Entre os estudiosos deste fenômeno está Assmann (1986), que elaborou um estudo relacionado à "Igreja Eletrônica" dos Estados Unidos e à sua

influência na América Latina. Partindo do cenário norte-americano, de intenso e crescente uso dos meios eletrônicos (especialmente da TV) por lideranças religiosas que elaboravam um tipo de mensagem salvacionista (*supersavers*), o autor desenvolve a idéia da necessidade de se conhecer o fenômeno que se desenrola nos Estados Unidos para poder caracterizar melhor a originalidade dos programas religiosos eletrônicos em nossa realidade. Este fenômeno foi absorvido por diversos grupos religiosos brasileiros.

O início dos anos 80 foi marcado por uma “concorrência” na fé. Segundo Montero (1986), já naquele período os protestantes mantinham 250 estações de rádio através do país. Pastores do protestantismo histórico tinham uma presença semanal em 88 emissoras de TV e 43 rádios. Os pentecostais aos poucos entravam em cena, com suas curas e milagres. A Igreja Católica neste período, segundo a autora, já começava a se preocupar com o relativo atraso da instituição nos meios de comunicação.

O cenário atual constitui-se, entretanto, de forma diferenciada daquele da década de 80. Há que se considerar uma tendência mais ou menos geral dos grupos religiosos para o uso dos recursos comunicativos, no sentido de ampliar a discussão que envolve o fato das Testemunhas de Jeová optarem por meios de comunicação que de certa forma podem ser considerados tradicionais, como a escrita e o contato pessoal. Igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) buscaram influir, segundo Mariano (1999), de dois modos: o primeiro via conversão pessoal e o segundo, pelas vias midiáticas e política. Desta forma, a partir dos anos 80 passaram, então, a ingressar e investir mais sistematicamente na TV. Além do papel evangelístico e da tentativa de atingir novos públicos, IURD e Renascer em Cristo lançaram mão da televisão para iniciar a formação de Comunidades Pentecostais de Caráter Virtual (Gouveia, 1999). Logo, se há aproximadamente trinta anos as Igrejas Pentecostais brasileiras empenhavam esforços na promoção da evangelização face a face, hoje, segundo Gouveia (Ibid.), o emprego de tal estratégia coloca-se como frágil e limitadora.

Transformações na forma de utilização da mídia também ocorreram com a Igreja Católica. De acordo com Montero (1986), na década de 80, por exemplo, a Igreja atuava aquém do considerável avanço demonstrado por grupos religiosos “concorrentes”. Este quadro transformou-se principalmente a partir de 2000, quando na ocasião da Jornada mundial das comunicações de 2002, o papa João

Paulo II elaborou um documento oficial convidando a comunidade católica à reflexão do tema "Internet: um novo fórum para a proclamação do Evangelho". Este documento foi uma forma de convite à comunidade católica a "aventurar-se" no mundo do ciberespaço e a potencializar o seu uso para proclamar a mensagem proposta.

4. Internet às avessas

O contexto de inovações e possibilidades tecnológicas delineia um novo ambiente denominado *ciberespaço*, do qual diversos grupos religiosos têm se utilizado. A Internet é um importante espaço utilizado por eles, propiciando o diálogo dos fiéis entre si e com outras pessoas, tornando-se um novo campo e novo meio de proselitismo, e sendo utilizada até mesmo pelas religiões históricas. Para que o fenômeno protagonizado por grupos religiosos e sua relação com a Internet possa ser compreendido, é necessário considerar que detalhes técnicos, políticos e históricos não só levaram à constituição da Rede como também permitiram a criação de *chats* por iniciativas individuais que podem congrega – *on line* – crentes de várias denominações religiosas. Inicialmente projetada para colocar máquinas em contato, a Internet acabou tendo sua finalidade subvertida para se tornar um poderoso espaço de sociabilidade, demonstrando o que muitos autores (como Guimarães, 2000) chamou de "vocação para a interação". Diversos estudos têm permitido que este espaço seja pensado não somente como espaços de sociabilidade, conforme mostrou Guimarães (2000), nem apenas como espaços onde a força do "divino" é percebida, conforme mostrei em pesquisa anterior (2002), mas sobretudo como espaço onde a evangelização é praticada e onde o proselitismo é exercido livremente.

A reflexão a respeito da utilização da Internet como espaço missionário encaminhou-me à reflexão de que, em geral, grupos evangelizadores tenderiam a usar a Internet como espaço missionário. Até então, a associação entre Internet e missão era uma obviedade que me levou à conclusão antecipada desta relação, onde igrejas e/ou diferentes grupos religiosos reproduziriam na Internet suas próprias técnicas de evangelização - só que, neste caso, adaptadas.

De início, acreditei que as Testemunhas de Jeová utilizariam (assim como diferentes salas de bate-papo) a Internet como espaço missionário. A realidade,

porém, revelou-se surpreendente. Minha primeira impressão foi que as Testemunhas de Jeová simplesmente não “existiam” no mundo virtual, especialmente quando comparadas com outros grupos religiosos. A discreta presença do grupo limitava-se, durante a realização de pesquisa de campo em 2004, à página oficial - disponível em diversos idiomas, conforme atuação do grupo nestes países. Este “não-uso” da Internet possibilitou o início de minhas investigações com as Testemunhas de Jeová. Durante 5 meses, acompanhei com regularidade as reuniões semanais e eventos importantes do grupo em uma congregação situada no bairro da Lagoa da Conceição, em Florianópolis.

Um importante aspecto a ser considerado reside no fato de que a prática exercida pelo grupo - o trabalho proselitista de visitação de casa em casa - contrapõe o “web-evangelismo” praticado por usuários de canais de bate-papo vinculados a diferentes grupos religiosos. Pensar na forma como as Testemunhas de Jeová se comunicam com o “mundo” hoje, significa também considerar a necessidade de entender e conhecer como os membros do grupo se comunicam entre si. Vale ressaltar, porém, que o entendimento deste processo de comunica o não implica em realizar uma “etnografia da fala” nem tampouco uma “etnografia da leitura” (Lewgoy, 1998). O que desejo aqui   apresentar ao leitor o modo como as Testemunhas de Jeová se utilizam do vasto aparato bibliográfico disponível no processo de evangeliza o e a op o pela não utiliza o de novas tecnologias.

5. Missão e novos meios de comunica o

Pesquisas anteriores (Jungblut 2000, Coutinho 2000) possibilitaram visualizar a Internet não somente como espaço de reforço de determinadas verdades religiosas. Mais além, a rela o destes usuários com ambientes de natureza religiosa revelaram-nos a possibilidade de utiliza o da Internet como campo missionário.

Quando pensa-se a atua o missionária cristã tradicional, tem-se como referência o missionário que sai de seu ambiente (casa, Igreja, bairro, cidade, país) em busca de novos fiéis. O *ide* passa a ser assumido como a o principal e os resultados implícitos desta a o serão fruto desta busca pelo “perdido” e “sem salva o”. Usando o campo missionário tradicional como referência, a Internet passa a se revelar como renovadora de paradigmas. Se no campo tradicional a inten o   de busca, a atua o missionária na Internet   de oferecimento. Já não há neste tipo de

ambiente a ação ativa do missionário no sentido de buscar o indivíduo, de tomar a iniciativa no contato interpessoal. Os missionários na Internet passam a esperar que os usuários procurem suas páginas disponíveis, ou aguardam uma visita em seus *chats*. Os *web*-missionários também tomam a iniciativa, mas agora já não mais no sentido de buscar o indivíduo, mas sim de oferecer a mensagem, aguardando passivamente a visita de outros usuários passíveis de serem evangelizados. É preciso considerar que este oferecimento engloba diferenças nas estratégias de atuação e no grau de intervenção da abordagem, a partir do momento em que os missionários virtuais passam a dispor de diversos aparatos técnicos que possibilitam estas diferenças nas estratégias. Quando um determinado grupo disponibiliza sua *Home Page* para acesso irrestrito, estabelece uma forma de oferecimento e um grau menos elevado de intervenção em relação ao indivíduo, pois o contato somente se estabelece se o usuário se interessa pelo conteúdo expresso na *Home Page*, ou seja, se este mesmo indivíduo procura determinada página em um *site* de busca. Por outro lado, ao ter acesso a uma mala direta de *e-mails* e através dela enviar uma série de textos evangelísticos, o *web*-missionário atua de forma mais direta em relação ao "perdido" e o seu grau de intervenção é potencialmente elevado.

Mas se a proposta é, através da análise do não-uso da Internet, refletir acerca do projeto missionário desenvolvido pelas Testemunhas de Jeová, torna-se então necessário delimitar o conceito de missão para ampliarmos a construção do objeto de estudo aqui apresentado. Encontrei relativa dificuldade ao levantar referências bibliográficas que dêem conta da discussão sobre missão, sobretudo no campo das ciências humanas. A teologia, por sua vez, ofereceu os subsídios teóricos necessários para o prosseguimento desta discussão. Um importante autor que tratou desta temática foi David J. Bosch, principal teólogo da missão cristã protestante da segunda metade do século 20. Bosch (2002) admite que diante de um quadro de muitas ambigüidades quanto ao conceito de missão (entre eles, o motivo imperialista, cultural e colonialista), é necessário estabelecer uma definição provisória do termo. Por missão, Bosch entende uma ação com uma característica persuasiva, que propõe um relacionamento dinâmico com o divino. Bosch estabelece uma diferença entre missões humanitárias (enquanto engajamento missionário no tocante às realidades de pobreza, injustiça etc.) e missões evangelísticas (convite ao arrependimento e à conversão, anúncio do perdão). Considero (na mesma medida cuidadosa de Bosch, julgando não serem a mesma coisa, apesar de estarem vinculados) que missão está relacionada à primeira

conversão e dirigida aos “não-cristãos”, e que evangelismo está ligado à reconversão, à busca do próximo afastado. Considero também que missão é mais amplo que evangelismo, sendo este parte essencial da missão.

A perspectiva missionária das Testemunhas de Jeová, apesar de elaborar aspectos semelhantes aos da missão cristã, estabelece valores diferenciados com relação ao personagem central da sua prática, não assumindo o cristianismo como eixo único da sua identidade religiosa. Jesus Cristo não ocupa papel central e motivador das suas ações, e as pessoas atuam na experiência de uma missão que, em nome da salvação, promove a doutrina e elabora estruturas de plausibilidade (Berger, 1997) que objetivam o reforço dos valores morais e identitários do grupo e a constante ampliação de suas fronteiras. Dito de outra forma, o aumento do número dos que se pode contar como Testemunhas de Jeová.

A missão testemunha-de-jeová parece ser, portanto, sinônimo do proselitismo e da busca incessante de uma conversão a um modo de vida específico, permeado de regras, valores, condutas e visões de mundo que definem e constroem a identidade testemunha-de-jeová e que, do seu ponto de vista, conduz à salvação. Uma prática proselitista que não inclui outros espaços nem outras vivências que não sejam as determinadas pelo grupo. Por isso a experiência ecumênica torna-se inviável, e a relação estabelecida com o “extramundo”, ou seja, tudo aquilo que caminha à margem dos valores testemunha-de-jeová (inclusive o cristianismo padrão) é impraticável. A concepção de missão cristã de Bosch diz que a igreja é enviada ao mundo para servir e amar. Mas a missão das Testemunhas de Jeová não é feita do serviço e do amor ao próximo (apesar de anexá-los ao seu discurso em alguns momentos). Elas não realizam missão como uma ação humanitária. São enviadas ao mundo com um intuito mais específico, de proselitismo e conversão.

6. Internet, individualismo e poder

O estudo de Jungblut (2000), que tratou do aspecto da construção do indivíduo na Internet, é o ponto de referência que aqui vou utilizar para pensar a construção das Testemunhas de Jeová como missionárias e sua relação com a Internet. Jungblut analisou a forma como os evangélicos atualizam, através da Internet, certos padrões de comportamento social experimentados em diferentes esferas da sociedade em geral, o ciberespaço e o campo evangélico. O trabalho de Jungblut

pode, neste contexto, contribuir em diversos aspectos, considerando que este autor está pensando o indivíduo dentro de um quadro de "transformações inéditas e tão globalmente impactantes" (Ibid., p. 42). As atitudes frente a estas rápidas transformações sociais evidenciam, ainda mais, aspectos específicos do indivíduo presente nas Testemunhas de Jeová em contraposição ao indivíduo na sociedade moderna e contemporânea.

Jungblut faz uma reflexão sobre a construção do "eu" na Internet. Na impossibilidade de utilizar formas tradicionais de se apresentar diante de outros, através do corpo, voz, roupa, etc., este "eu", ao se utilizar de meios de comunicação, precisa se construir e se descrever como pessoa para o outro. E é neste exercício, no que ele pressupõe de poder de auto-representação, que o indivíduo atual mostra-se talvez mais nu do que nunca. Este "eu" que Jungblut se refere, no que tange às Testemunhas de Jeová, não oferece possibilidades de auto-representação. O que parece essencial nestes processos todos em que se vê o indivíduo no ciberespaço são, na opinião de Jungblut, os novos poderes, as novas formas de autonomia, de liberdade que este "eu" passa a desfrutar. No caso das Testemunhas de Jeová, por outro lado, a representação frente ao mundo secular (dentro e fora dos meios de comunicação) é construída e determinada não por uma parcela de pessoas que compartilham uma mesma cosmovisão, mas por uma Instituição que tem uma atitude totalizante para com a vida dos membros. Logo, o que encontramos na Internet não é este "eu" sugerido por Jungblut, com poderes de auto-representação, mas sim a Instituição. A Instituição que pensa, que fala, que decide, que tem voz única. Logo, a face que se mostra ao mundo secular, a face que encontramos na Internet, é a face da Instituição.

Para as Testemunhas de Jeová, há um reconhecimento da utilidade deste espaço virtual, admitindo ter um certo valor educativo e relativa importância no mundo dos negócios e das comunicações. Porém reside exatamente aí um dos seus grandes perigos: por ser um grande território livre para manifestações individuais e de diversas idéias possíveis, passa a ser um espaço altamente perigoso, contendo todas as perversões humanas possíveis. Entre elas a pornografia, livremente disponível para ser acessada por crianças, jovens e adultos. Em um relato em uma de suas publicações, alegam: "Alguns *sites* são chocantes. E podem aparecer sem mais nem menos (...) Eles tentam enlaçar você. Querem seduzi-lo – para tirar o seu dinheiro (...). Uma vez que você começa a ver matéria imprópria, é difícil parar – é uma coisa que vicia mesmo." (*Desperta!*, 22/01/2000). Não somente a

pornografia é fonte de alerta, mas também a pedofilia. As Testemunhas de Jeová alertam seus membros, em especial os pais, contra estes exploradores de crianças: "Alguns pedófilos participam em conversas eletrônicas interativas com jovens. Fingindo-se de crianças, esses adultos extraem nomes e endereços de jovens insuspeitos" (*Desperta!*, 22/07/1997). Ou então: "Não há limites ou restrições ao tipo de informação que os usuários da Internet podem implantar e acessar. Esse é um ambiente onde geralmente as crianças e os adolescentes são alvos fáceis do crime e da exploração (...)" (Ibid.). Seja como for, a liberdade que esse território oferece compromete em sua visão não somente o aspecto moral da família como também propicia informações apóstatas a respeito do grupo, preocupação central no discurso das Testemunhas de Jeová. Exemplifico esta argumentação no que se refere ao uso do *email* com esta citação: "As informações talvez lhe sejam passadas na forma de experiências ou comentários sobre nossas crenças. Estas informações são passadas a outros que, por sua vez, também as passam adiante. Geralmente, não há como confirmar as informações, que podem ser inverídicas. Os comentários podem servir de fachada para divulgar idéias apóstatas" (Nosso Ministério do Reino, novembro de 1999).

Esta fragmentação dirige nosso olhar para os considerados perigos do ciberespaço, claramente confirmados no discurso das Testemunhas de Jeová. O fato é que o "eu" das Testemunhas de Jeová é na verdade a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (*eu* Testemunha de Jeová = *eu* Organização). O "eu" individual não encontra espaço no ambiente virtual, já que é absorvido pela identidade abrangente da Instituição, que em todos os momentos se apresenta como mediadora destas informações. Isto é revelado pelo fato de a Instituição orientar os seus membros a não disponibilizarem páginas na Internet, instruindo-os a remeterem qualquer informação sobre a Sociedade à página oficial. Absorvem, desta forma, as expressões e discursos individuais possivelmente elaborados neste meio virtual. Há não somente uma relativização no uso da Internet, mas também uma clara intervenção da Instituição no sentido de impedir qualquer possibilidade do *eu* Testemunha de Jeová vir a ser um indivíduo autônomo.

7. Conclusão

A Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados - uma entidade despojada de qualquer elemento que remeta a indivíduos específicos e, portanto,

despersonalizada - é o principal ator do processo missionário/proselitista, e em nome do grupo delimita e constrói espaços de ação dos membros, estimulando o aperfeiçoamento de técnicas de persuasão e reivindicando para si o domínio da vivência religiosa individual dos seus membros. A Bíblia, ao lado da Sociedade, tem espaço privilegiado mas somente sob a ótica da interpretação oferecida pelo próprio grupo. Estes elementos centrais do fazer missionário testemunha-de-jeová é que vão determinar que outros aspectos - como o uso da Internet, por exemplo - não façam parte do conjunto das ações missionárias do grupo.

Quando me refiro à missão testemunha-de-jeová, penso que há o estabelecimento do limite de sua prática missionária à prática proselitista, ou seja, a busca incessante de uma conversão não somente a Jeová Deus, mas a um modo de vida específico, que inclui regras determinadas, valores compartilhados, condutas e visões de mundo que elaboram a identidade testemunha-de-jeová. Uma prática proselitista que não inclui outros espaços nem outras vivências que não sejam determinadas pelo grupo.

É possível afirmar, deste modo, que a missão testemunha-de-jeová é uma prática sistematizada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados que visa à condução das atividades de seus membros a uma disciplinarização de suas ações. Esta disciplinarização tem como fim último a diligência de seus membros à prática proselitista. Mas não somente. É esta disciplinarização que dá à Instituição a legitimidade do domínio de espaços, formas, narrativas e identidades individuais. Estas identidades individuais passam então a assumir a identidade da Organização que, para manter o controle sobre esta disciplinarização, elabora estruturas de plausibilidade que visam reforçar a visão de mundo por ela determinada.

Este discurso unitário, elaborado e mantido pela Organização, cria também outros discursos como o temor frente à Internet. Um dos principais argumentos diz respeito à questão da identidade, considerando que há grande preocupação em relacionar-se com uma “falsa” Testemunha de Jeová. A reivindicação da Instituição sobre a identidade individual do membro se dá principalmente através de duas formas: a proibição de narrativas individuais, que são substituídas pelo discurso unitário da Sociedade frente ao mundo secular e a orientação de evitação pelo indivíduo das coisas deste mundo, oferecidas pela Internet:

“É necessária extrema cautela no uso da Internet (...). É verdade que existem muitas fontes úteis na rede, como bibliotecas, livrarias e canais noticiosos. Por exemplo, a Sociedade Torre de Vigia (dos EUA) recentemente anunciou seu próprio endereço mundial na rede (...) que serve para fornecer informações corretas a respeito das Testemunhas de Jeová. Ainda assim, deve-se reconhecer que existem influências extremamente prejudiciais na Internet, incluindo pornografia e apostasia. O cristão deve ter em mente o conselho de Paulo: ‘Isto, portanto, digo, e dou testemunho no Senhor, que não mais andeis assim como também as nações andam na improficuidade das suas mentes... Tendo ficado além de todo senso moral, entregaram-se à conduta desenfreada para fazerem com ganância toda sorte de impureza. Mas vós não aprendestes que o Cristo seja assim’. (Efésios 4:17-20). (...) É preciso saber que muitos sites na Internet foram criados por pessoas de intenções imorais ou desonestas. E muitos sites que talvez não sejam imorais ou desonestos, como os grupos de bate-papo, são pura perda de tempo. Fique longe de tudo isso! (Despertai, 8/01/1998)”.

A anulação da identidade individual significa também o estabelecimento de uma relação de separação para com o (ou “do mundo”) “mundo”. Separar-se do “mundo” e distanciar-se da Internet, na medida em que esta não oferece alternativas e mecanismos de ordenação, domínio e controle, ou seja, é vista como livre e indisciplinável, possibilita a elaboração de mecanismos de ordenação produzidos pela Sociedade Torre de Vigia que visam à construção de estruturas de plausibilidade que reforçam as visões de mundo compartilhadas pelo grupo, possibilitando que as Testemunhas de Jeová se apresentem ao “mundo” através de uma única prática: a prática proselitista.

8. Referências bibliográficas

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BERGER, Peter L. **Rumor de Anjos: A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BORNHOLDT, Suzana R. Coutinho. **Internet, Saúde e Religião: Uma Nova Abordagem**. Congreso Virtual de Antropología y Arqueología (Naya). Grupo Temático “Religião”. outubro 2002. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/suzana_coutinho_bornholdt.htm Acesso em: 01 dez. 2007.

BOSCH, David. J. **Missão Transformadora: Mudanças de Paradigmas na Teologia de Missão**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

COUTINHO, Suzana Ramos. **Jesus On Line: Comunidades Religiosas e**

Conflitos na Rede. 2000. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DORNELLES, Jonatas. **Fiéis virtuais: estudo antropológico sobre a presença religiosa na internet.** Congreso Virtual de Antropología y Arqueología (Naya). Grupo Temático "Religião". outubro 2002. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/jonatas_dornelles2.htm Acesso em: 01 dez. 2007.

FAILLACE, Sandra T. Testemunhas de Jeová. In: LANDIM, Leilah (org.) **Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil.** Rio de Janeiro: Cadernos do ISER n. 23, 1990.

GOUVEIA, Eliane Hojaij. Comunidades Eletrônicas de Consolo. **Ciências Sociais e Religião/Ciencias Sociales y Religión,** Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 115-129, 2ºsem. 1999.

GUIMARÃES, Mário José L. **Vivendo no Palace: Etnografia de um Ambiente de Sociabilidade no Ciberespaço.** 2000. 148f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) –Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

JUNGBLUT, Airton Luis. **Nos chats do Senhor: Um Estudo Antropológico sobre a Presença Evangélica no Ciberespaço Brasileiro.** 2000. 319 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LEWGOY, Bernardo. **Etnografia da Leitura e Fala num Grupo de Estudos Espírita.** In: VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998, São Paulo.

MARIANO, Ricardo. O Futuro não Será Protestante. **Ciências Sociais e Religião/Ciencias Sociales y Religión,** Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, 2º sem. 1999.

MONTERO, Paula; Della Cava, Ralph. A Igreja Católica e os Meios de Comunicação de Massa. **Religião e Sociedade,** Rio de Janeiro, n. 13/3, p. 63-74, 2º sem.1986.

RAADE-ANTWEILER, Kerstin. **Religion is Becoming Virtualised.** Introduction to the Special Issue on Religion in Virtual Worlds. 2008. Disponível em: <http://www.ub.uni-heidelberg.de/archiv/8287/> Acesso em 18 jun. 2008.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Proclamadores do Reino de Deus.** Livro. São Paulo, 1993, 750 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Nosso Ministério do Reino.** São Paulo, nov/1999, 8 p.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Internet – Convém a você? **Despertai!** p. 3-13. 22 jul.. 1997. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Os jovens perguntam...

como evitar os perigos da Internet?. **Desperta!**. p. 19-21. 22 jan. 2000.
Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.º 1, 2001. CD ROM.